

# NOTAS SOBRE A COR DE YVES BONNEFOY<sup>1</sup>

## DUAS E OUTRAS CORES

Aproximei-me do *ferry-boat* verde e branco e vi, sobre alguns sinais traçados perto da proa, que ele se chamava *O navio púrpura*. “É estranho”, disse a meu companheiro desse fim de mundo. “Vocês teriam, antes, de tê-lo batizado *Verde e branco*”.

Ele sorriu. “Você compreendeu bem mal nossa língua”, murmurou, “pois que ignora que o verde e o branco, juntos, para nós, diz-se ‘vermelho’, diretamente, simplesmente”.

— Que acaso curioso! exclamei. Como chegaram a isso?

— Ora, é a regra! Amarelo e azul, por exemplo, nós o dizemos de modo semelhante com uma única palavra: “violeta”, creio, ou “índigo”. E, reciprocamente, quando procuramos falar do verde, daquilo que vocês nomeiam pela palavra verde, pois bem, diríamos sem hesitar “amarelo e azul”; e, para o branco, seria, antes, “negro e vermelho”.

— Não é nada simples, deixei ouvir à meia voz, com a discrição que convém ao viajante que chega.

— Concordo com você. Por vezes, encontramos grandes dificuldades. É bem verdade que poderíamos evocar esse verde e esse branco a que chamamos vermelho – ou púrpura, como você acaba de aprender, trata-se então de poesia –, decidindo também por assinalar cada uma das duas cores, e de fazê-lo através do nome duplo, claro, o que nos levaria a dizer desse barco que ele é “amarelo, azul, negro e vermelho”, depois do que... Infelizmente, não haveria razões nesse desdobrar para parar, pois que cada uma destas palavras nos fala de uma cor que se significa por duas outras. E cada palavra, você o presente, seria então imensa, infinita – infinita até mesmo de diversas maneiras, incontáveis, como galhos que

---

<sup>1</sup> Tradução de Leila de Aguiar Costa. A tradução que ora se oferece seguiu o original *Remarques sur la couleur* publicado em 1992 pela Gallimard.

carregam galhos, galhos que... pois você vê que o “vermelho” reapareceu, já, e que vai reaparecer, quantas vezes, no próprio nome do vermelho. Não há saída.

— Mas isso é necessário? disse dessa vez com firmeza, e compaixão. Por que se dar tanto trabalho?

— Oh, por tantas razões, por infinitas... E, para começar, você está feliz, você, com sua palavra vermelho solitária, em seu face a face arriscado com o absoluto? Não sente que mesmo os sons melhor estudados, melhor escolhidos pela analogia para a impressão feita pelas cores jamais poderão reter a mais ínfima parcela daquilo que o olho sabe logo à entrada? As palavras são outras que aquilo que elas dizem, meu caro amigo. E a palavra – a palavra comum, quero dizer, a palavra de vocês – escapa, pois, do que existe, a vida perde sua margem, o coração sua alegria; acaba-se por nem mesmo mais entrever o azul ou o vermelho verdadeiros, aqueles que não são simplesmente um modo de falar, lançando para fora sua cinza, mas uma presença, mas uma alvorada. Ao contrário, imitem-nos...

— Eu me arrependeria!

— Vamos, pegue dentro do que quer que seja, veja, aquele barco atracado, um pouco de cor, sim, aquele verde ou aquele branco, e nomeie... Ah, esses fluxos e refluxos, esses turbilhões, esses rochedos que ali aparecem e desaparecem – não se esqueça, é possível, a qualquer momento, no desfraldar, simplificar, substituir “amarelo, azul, negro e vermelho”, estejam estas palavras lado a lado ou disseminadas, simplesmente por “vermelho”, isto é... O infinito, mas igualmente regressos, por vezes cíclicos! Uma recrudescência, mas também correntes profundas, misteriosas, talvez mesmo vidas, dorsos de peixes furtivos, nesses abismos! E toda uma espuma, sempre, e sua luz! Você poderia viver sem a luz? Conhece uma via melhor em direção da alegria? Desfazer a nomeação abusiva, soerguer com tal alavanca o infinito, o arbitrário triste do signo, isto é, lavar a face do mundo, meu amigo, é ver-se respirando na respiração de tudo, silenciosa! Nós inventamos o segundo grau da palavra!

“Vocês farão dela um deserto”, respondi pensativamente, subindo naquele barco que ia partir, e que todos os dias conclui – nós, indo e vindo pela ponte, por vezes conversando, logo silenciosos – sua navegação de ilha em ilha. Era um belo dia, mas bastante brumoso. As montanhas, frequentemente cobertas de pinheiros, permaneciam semiescondidas pela longa echarpe um pouco rasgada daquela cor malva que já havia feito da manhã uma espécie de fim de tarde clara no fulgor da espuma e no rebentamento, ele também

intemporal, da onda contra o casco. E chegávamos a portos, onde deixávamos algum passageiro ou alguma mercadoria em troca de outros. O que aconteceu inicialmente sem grande aparato – um senhor apressado que passava pelo passadiço, pasta à mão – logo se complicou, solenizou-se. Por volta das cinco horas, grupos numerosos comprimiam-se nos cais estreitos, diante de algumas casas de cimento ligeiro ou de madeira cinza, para fazer companhia àquele ou àquela (àquele, antes) que deixava sua ilha. Espantavam-se, com ruídos pequenos, faziam-se, a uma distância talvez regulamentar, curtas reverências, rápidas, mas repetidas, sempre com sorrisos; e quando o viajante reapareceu na ponte, eu via que segurava firmemente em sua mão livre a ponta de uma espécie de longa, muito longa fita de papel colorido, do qual a outra extremidade permanecia lá, em terra firme, entre os dedos talvez trêmulos de uma mulher vestindo um pesado vestido florido ou de uma menininha. Brumas que estreitavam esse instante nas proporções desses três passos de beira-mar, sob nosso elevado flanco de ferro que soprava seu barulho, cuspiam seu fogo, dizia de mil maneiras sua impaciência de ir claudicar mais adiante, em direção do último porto, sua estrada maquinal perturbada por sonhos! Brilho repentino de alguma cor, presença acrescida de um detalhe – um chapéu muito amplo, uma gaiola vazia colocada no chão – entre aqueles que não partiam, e cuja intensidade sem razão, ela própria bruma por causa disso, tornava irreais esses abandonados, barco a se mexer, reduzindo-os às suas aparências, ou rumor, agitando-os como aqueles pedaços de tecido ou de papelão colorido com o qual se diverte a criança que tem medo da chegada da noite. Mas foi então que se desenrolavam aqueles fios, cujo começo e cujo fim eram duas vidas que se separavam, dois espíritos, entretanto, que estavam ainda um com o outro. Algumas fitas rompiam-se, muito rapidamente, e caíam na espuma, sujando e furando o azul, o verde ou o vermelho. Mas outras duravam, improváveis, milagrosas, nos gritos de alegria ou no silêncio atento – e vejo ainda, depois de anos, esse traço ondulante da cor pura, invisível em certos pontos, mas viva e ainda vibrante, barrar com seus movimentos de acaso, imprevisíveis como a coruja, bufante como um vestido de baile, mil portas de abismo do crepúsculo.

Depois do que, muito mais tarde, por volta da meia-noite, quando passávamos na floresta dos grandes barcos atracados, por vezes com todas as luzes apagadas, nas proximidades do porto cujo nome brilhava lá no céu, no cimo de uma torre embaciada do fogo de suas mil vidraças:

— Veja, disse meu amigo, essas pessoas não são da mesma religião que a sua, elas veem de outro modo as cores”.

Mas quando havia eu decidido que houve um amigo? A meu redor, via agora apenas desconhecidos, homens e mulheres apressados que empurravam grandes malas sobre a ponte. Destroços de fitas, vestígios da alegria e da esperança dissipavam-se sob seus pés nas poças jogadas pelo chuvisco noturno. E, avançando, impunha-se doravante, muito forte, a profundidade do barulho da metrópole ignorada, rumor de martelos ou de rodas, onde o Grande Ausente, o Grande Silencioso tinha seus sussurros, suas insinuações. Aproximei-me então de um desses que chegavam, que não havia evitado meu olhar – parecia mesmo sorrir –, um pouco ansioso, triste talvez sob óculos espessos. “Não falávamos? perguntei a ele. “Não refletíamos, juntos, sobre o nome, sobre a cor, sobre a presença e sobre o vazio?

— Sim, respondeu-me ele, surpreso.

— Mas o que você me dizia? O que ouvi de você, o que você procurou fazer-me ouvir, se foi você, sobretudo, quem falou? Quem é você?

— Tudo isso, também eu esqueci, disse-me ele (chegávamos ao cais). Conservamos no espírito, lá onde o instante presente somente tarde se reúne, muito tarde (ouvíamos o arrastar das correntes, acima da ponte; um alto-falante parecia questionar no alto da guarita de pilotagem, um outro lhe respondia no seio da noite da terra próxima), conservamos mais do que o minuto de agora há pouco, que não foi aliás senão uma imagem? Lembre-se! Entre seus dedos foi colocado, bruscamente, o que? você olha, é um pedaço de fita, incompreensível. E você levanta os olhos, e lá está, muito perto, muito longe, um rosto, ora sorridente, ora em lágrimas. E isso desde o nascimento, meu amigo, e assim sempre. Que dizíamos?

Eu avançava com dificuldade, carregando minhas malas por entre a multidão que diminuía seu passo alguns metros mais adiante por causa do estreitamento da passarela. Mas a voz, a voz de sempre, continuou a falar-me. Parei. O viajante, o passante que eu não via mais, havia colocado sua mão sobre meu ombro.

— Amanhã, disse-me ele. Amanhã, quando você deixar o hotel, lá, do outro lado dos bairros industriais, para seu primeiro dia na cidade santa, faça com que o levem ao templo que temos. Qualquer um o indicará a você, na montanha – e visite o jardim que fica nos fundos. Creio que ele o surpreenderá. Pois no chão, veja bem, há apenas, lado a lado, juntas, abertas, bilhas de pedra

cinza, enfiadas, aliás, na terra apenas pela metade. E esse cercado aparecerá para você vazio e velho, e abandonado, mas não se engane. Esses vasos, que são túmulos, claro, nós os guardamos assim, sob o céu, para uma chama que ali acendemos, uma vez por ano, depois de tê-los enchido, pela metade, com uma espécie de pó, e ouça-me bem agora, isso é o que mais conta, cuja cor muda de um desses potes de pedra para outro. Espalhamos o fogo, ao final da tarde, quando o céu já se escurece, e olhamos. Ah! quantos belos raios que sobem retos ou trêmulos, e interferem, mas preservando seu ser próprio, sob o grande vapor ligeiro que se faz com cores diversas! É fosforescente, é mutável, é um e múltiplo a um só tempo, é ilacerável como a vida, é imaterial como ela; podemos dizer, penso, que se trata aí de uma cor *outra*, da qual a terra nada sabia antes que compreendêssemos que nascemos, e vivemos, e renascemos, e renascemos ainda. E nós, que vimos de todas as regiões, obscuros, apertados no caminho dessa aurora, inconscientes da presença dos outros no crepúsculo, nas trevas, permanecemos lá, um instante, felizes, antes de ceder o lugar. É muito, creio, ter visto, assim, ser apenas um olhar, mas que se faz chama clara. É compreender, digamos. É ao mesmo tempo esquecer e se lembrar.

## NO MONTE ASO

“Nós adoramos esta montanha”, dizem-me eles, “porque seu vestido – este arbusto que você vê desdobrar-se como que ao infinito, do mais elevado dos cimos até os outros, e até nós, através dessas ondulações, desses ocos plenos de brandura, por essas passagens perfeitamente harmoniosas da luz a uma sombra clara sobre a pradaria que nenhum rochedo pode dilacerar, nenhuma água fugaz perturbar – é, sem nuança ínfima alguma, absolutamente, eternamente do mesmo tom verde, se a palavra ‘verde’ tem sentido: um verde esmeralda, mas que se poderia dizer impregnado com um quê de ferrugem. Desta orla em que estamos e de onde a vemos por completo, nossos passos, muito numerosos, quase que enfraquecem, com uma escoriação ligeira, essa unidade, essa unicidade que qualificamos de divinas. Mas são lá danos que consertamos todas as noites, com toda devoção que a montanha merece”.

E aprendo então que podemos nos afastar, pés descalços sobre a relva, que é espessa, sobre as encostas que são fáceis, e caminhar lá, durante horas a fio, em silêncio, até que a simplicidade da percepção, quase absoluta nessa longa sucessão das estreitezas das fugas, tenha começado a produzir seu efeito de desaparego, se não de vertigem. Mas o que mais eles preferem me dizer, e em voz baixa, pois que a montanha tem tantos ecos que não devem ser acordados, é que os efeitos rapidamente se sobrepõem (sobretudo se sobrepõem) à linguagem. Pois é a noção mesma de diferença que aqui se dissipa, não é? E com ela apaga-se o vão desejo de nomear ou, antes (já que continuamos a falar, como você vê), atenua-se essa espécie de marulho com o qual os vocábulos, essa intemperança da cor, envolvem, e a ele rompem, tudo o que nomeia. “Voltamos de nossas caminhadas na montanha. Pois bem, como a mocinha é clara, a nos esperar à entrada, como seu rosto resplandece! E como essa lamparina que ele pegou e ergue em nossa direção tem uma bela luz de óleo! Ah, como você não viu essa chama, onde permanece presa ainda um momento – é verdade, por vezes até muito tarde na noite – a turbulência do arco-íris. É como se tivéssemos atravessado a vau a terra inteira, vapores da aurora à estrela, e entrássemos com os pés nus em um outro mundo.

“E quantas palavras que, a partir desse momento, não significam mais, se não o enigma que teriam podido ser, e com eles nossa pretensão, aquela de acrescentar à terra! Não, meu amigo, nós não as esquecemos, isso significaria perder de vista esse enigma, e com ele esquecer aquela felicidade que

experimentamos, a de termos vencido a linguagem. O que fazemos com ela? Jardins, aqueles que você vê em nossos templos: essas superfícies de areia cinza, cuidadosamente limpas, onde aqui e acolá foram colocados, com um cuidado que parece marcar uma grande preocupação com as estruturas, três ou quatro grandes rochedos que leves espumas affloraram ao longo dos séculos com um fogo, como que agora adormecido, como que a vegetar nos vazios. Não resista a isso! Ao primeiro olhar, você acreditou, não é? que essa areia era o espírito, e essas pedras os mundos, que flutuam aqui e acolá, com efeito, no que podemos dizer a Ausência. Mas não, são palavras, das quais odiamos a beleza. Elas estão aí, pois que é necessário. Mas nós temos toda essa areia cinza para mantê-las à distância.

— Estranha maneira de odiar, respondi não sem certa reserva. Um enigma, você me diz?

Mas ao olhar essas pedras, ao me deixar envolver por suas relações de tons, tão sutis e, no entanto, tão calorosos, eu esquecia as questões que comumente me assombram, e até as palavras – minhas pobres palavras de Ocidental, é verdade. Era o fim do enigma.

Deixei a ilha. À tarde, depois de ter seguido com os olhos, durante longo tempo, a montanha que se retirava sob o céu – e seu verde, cada vez mais diluído, era muito belo no mar infinitamente azul –, dirigi-me para a proa do pequeno navio a fim de ver aparecer a outra margem. Mas quase ao cair da tarde, quando nada ainda estava à vista senão algumas tênues nuvens que se agrupavam ao pôr do sol, que fogo então foi aquele que vi subir do horizonte, mais ao sul? Íamos bastante rápido, e logo pude distinguir o que estava lá, ou parecia lá estar. Duas cores, duas largas echarpes de cor, uma a outra misturada, ou entrelaçada (a palavra certa nos falta) como fendas de coluna torcida, emergiam da água cinza para em seguida se perderem no céu, tão alto que seria possível dizer que elas passavam acima do tempo, já entre as estrelas. Eis algo que era vibrante, percorrido por grandes calafrios claros, algo perfeitamente silencioso. E eu bem via que mundos, e mundos de irisação, de formas, de imagens quase, de vidas quase, subiam sem fim nessa transparência trêmula, semelhante menos à chama, de perto, e mais à febre do ar acima de um fogo. O que eram então essas duas cores, tão ardentemente unidas, tão estranhas à brancura da espuma quase leitosa, ao flanco negro do barco, ao barulho das ondas contra o casco – e a esse sol purpúreo, lá longe, que mergulhava no mar? Ninguém a meu lado, no convés, parecia surpreso com isso, nem mesmo prestavam atenção a isso,

e eu senti que mesmo eu começava, surpreso, a achá-las naturais. – O barco ultrapassa-as, e vou novamente para a popa, a fim de seguir com o olhar, o mais demoradamente possível, a alta luz dupla que parece agora, vista de longe, oscilar um pouco, sobre fundo de noite. Ela diminuiu de largura, por causa da distância, mas igualmente de altura, diríamos. Ela logo irá me aparecer, ao rés do horizonte na noite completamente instalada, simplesmente como o reflexo sobre a água de uma grande estrela.

Doas cores – mas que cores? Percebo, ao reler as notas de minha viagem, que nada tenho sobre isso, e minha memória falha. Doas cores, eram, na verdade, cores? Suponho que uma delas tinha algo de azul, quando o azul se faz sombrio, quando tende para os tons da ardósia; e que a outra devia se aparentar com um vermelho, ou com um reflexo de óleo quente, pois ao menos guardo na mente que ela me fez pensar, por um instante, à claridade que corria, como a cair de uma lamparina, sobre um dos braços da estátua de anjo cego que eu havia visto pela manhã. Há algumas dessas estátuas, aqui e acolá, nas ilhas. O que é um anjo cego, perguntei-me na ocasião. O anjo que não vê é, ele, mais perceptivo que os outros? Ou, por causa de um acidente, e por refração da morte à eternidade, ele é mesmo assim menos que eles – admiram-no, apiedam-se dele? E reví, bruscamente – quando viajamos, estamos sempre em deriva, deriva de uma lembrança para outra –, um pequeno túmulo de argila vermelha que, ainda alhures, havia ao mesmo tempo me surpreendido e emudecido. Pois esse túmulo, que tem o tamanho de um brinquedo (ele não contém senão cinzas), tem a aparência de uma casa. E marido e mulher estão lá, à janela, duas humildes formas de terra que se voltaram para o céu. Quem pede, e quem dá, perguntei-me: tanto uma quanto outra das sombras. Aquele que quer e aquela que cede, o mesmo nada. E quanto à estrela que olharam, ou ao planeta de cores mutáveis; quanto às palavras que se disseram, ou não ousaram pronunciar, mesmo na noite que se fazia mais escura, onde isso está doravante? Lembrava-me, claro, de Agostinho, à sua janela de Ostia, perto de Mônica, sombra azul. Que vida será essa, perguntavam eles, essa outra que olho nenhum viu, ouvido nenhum ouviu – haveria então outras cores, outros sons? Pensara nisso. Mas logo sacudi esses pensamentos bem vãos.

(Encontro em meu bloco que igualmente me disseram que, no outono, o monte Aso – será mesmo este o seu nome? – mudava um pouco de cor – ou, antes, não ficava assim tão perfeitamente em todos os pontos com o mesmo verde esmeralda misturado de ferrugem – por causa dos bancos de bruma que envolviam algumas de suas partes. A língua tem uma única palavra, parece, para

dizer que nesse momento ele se retira, ou se dissipa, ou nos desacredita. Mas não há nada ali que se experimente de muito grave; é, mesmo, asseguram-me, o momento cômico dessa prática espiritual. Vai-se à montanha em grupos, parte-se ao assalto de suas encostas úmidas proferindo grandes gritos, lançam-se de um bando a outro graçolas onde há obscenidades, blasfemas, e aqui estão pedaços de papel de todas as cores no ar cinza, brinca-se de se perder e de se encontrar entre os dragões acolhedores da neblina que parecem tudo compreender e, mesmo, a tudo aprovar. Como é belo (e divertido) ouvir cantar lá no alto, invisível, uma escola inteira vestida de avental negro (não está frio) sob o comando do mestre. Fazem-se às cegas piqueniques. Depara-se com mãos um pouco febris, nas quais se pega. Casamentos lá se decidem, suspeitas persistem alguns dias. Na noite dessa festa, parte-se, cantando ainda, e quando a estação das brumas termina, a terra absorveu os últimos traços da desmedida momentânea dos que observam sua lei.

## O CREPÚSCULO DAS PALAVRAS

Perguntam-se o que significa tal palavra de sua língua, palavra que acabam de pronunciar mas sem compreender por que, tanto a aceção dela lhes parece imprevista, tanto a frase em que ela apareceu permaneceu por causa disso ambígua, incerta, obscura. Mas igualmente sabem, desde o momento em que uma palavra assim frustrou sua espera, que não foi um lapso, um simples acidente que poderá ser esquecido, pois que numerosos são os vocábulos, mesmo entre os mais usuais, que mudaram de sentido desse modo, revelando em sua profundidade todo um desconhecido – e talvez toda uma vida – que os maiores letrados não puderam jamais pressentir senão desajeitadamente, como em sonho. Numerosas, essas palavras que mudam? Na verdade, é quase toda a língua que é percorrida por calafrios, talvez mesmo devastada por sismos. Se certas palavras, algumas corriqueiras, outras raras, jamais avançaram senão uma única proposição, que para elas acaba por tornar-se obstinada e suspeita, a maioria das outras não cessam de se metamorfosear, de se desmembrar – e de jogar assim, dir-se-ia, com elas mesmas, pois que seu sentido primeiro mantém-se por vezes junto aos empregos novos, podendo mesmo apaga-los, ao menos por demorados momentos após a época de crise.

É preciso dar exemplos? Evocarei então aquele substantivo que esqueci, mas que lá é usual, para o que para nós chamamos um grande barco e, na língua nobre, um navio. Um barco, sim, e mesmo por longos períodos, no comum da palavra; mas eis que em certos dias, em uma conversa um pouco descontraída, ou em um livro, ele põe-se a significar o poço, ou a barreira de madeira que corta um caminho dos prados, ou uma abelha. Pensávamos que se falava de um barco, tínhamos em mente aqueles barcos a vapor que fazem a navegação de ilha em ilha, e falou-se da abelha. Ouvíamos a sirene, chegávamos a ver quase o casco azul na chuva de verão, na espuma, mas é preciso reconhecer que se está em uma densa vegetação, de onde se eleva sem fim o zumbido das abelhas. Ou, então, é uma cor, desejaríamos dizer o azul, aquele do céu, ou mesmo o índigo do mar interior, as noites de verão; e dissemos, sem mudar as palavras, mas, entretanto, cada qual adivinhou, dessa vez, que esse céu, que esse mar, e, lá, que essas beira-mares, que a distância vela de suas fumaças, eram vermelhos, simplesmente e plenamente vermelhos. A palavra “azul” pode significar “vermelho”, infelizmente, ou mesmo “amarelo” ou “violeta”; e pode significar outras tantas coisas ainda.

“Ela não referenciou igualmente”, pergunta alguém – pois as discussões sobre esse assunto, parece evidente, não cessam nunca, essa é a troca mais usual, pessoas que não se conhecem iniciam-nas nas esquinas, mantêm-nas por alguns minutos, deixam-nas, apressados que são, talvez sem nem mesmo ter-se olhado, sem igualmente ter dito adeus – a impressão que dá a frente do navio quando ele se aproxima do cais, e que vemos seus velhos pneus que protegem sua telha metálica preta, e os que chegam lá em cima, sobre a passarela, que se agruparam e nos olham, ah!, tão intensamente? Digo bem, nesse momento, a impressão, e não mais a coisa; penso naquela emoção da volta intensificada pela escada que se desloca e pela porta que se abre na parede com cavilhas.

— Deve ter apresentado esse sentido, responde outro transeunte (ele para), mas não simplesmente como você sugeriu. A palavra “azul” para dizer nossa emoção quando o barco está atracado, quando a escada toca a terra? A meu ver, ela designaria, antes, aquele debruado de luz, sim, digo isso, de luz, que envolve alguns dos viajantes que descem. Aquela mulher com sua criança, vocês veem? Segundo eu... Talvez ele tenha razão, e vai ensinar-nos a verdade, mas a palavra que ele emprega naquele momento causa problema. É segundo diversos modos, alguns bastante novos ao que parece, que as pessoas que o escutavam compreendem. Admiram-se (com educação, aliás), olham-se furtivamente, continuam a discussão em pequenos grupos, traçando por vezes com a ponta de um dedo, muito rapidamente, uma espécie de ideograma na palma da outra mão. E ele, o infeliz, que sabia, que poderia ter dito, dá de ombros, e afasta-se.

Sinto-me um pouco só nessa multidão. Imagino tantas ocasiões, necessidades, tantas situações de simples satisfação ou de urgência, quando, por causa simplesmente de um ou dois fonemas, o mundo pode se desfazer, a ação se paralisar, o sonho se perverter – e os seres, que pensam estar tão próximos, descobrem-se separados, subitamente, pela carência dos signos.

“Mas não”, assegura-me meu companheiro de viagem, que adivinhou meu pensamento. “Ah, é verdade, tememos o pior; no começo, temos medo de ficar sós, medo de gritar no vazio, medo de morrer; e houve casos de uma loucura desconhecida ainda, e quantos suicídios então e mesmo revoltas, e quanto acréscimo, aliás esquecido, de literatura – mas, logo, sabe, pudemos compreender que tudo ficaria bem. Pois são essas urgências, como você diz, é a necessidade de decidir e de agir, e mesmo aquela de partilhar, que se nos apareceram como são, não é? Engodos. E aqueles filósofos que tínhamos outrora! Suas noções reputadas como imutáveis porque as palavras que as abrigavam

eram o mesmo som, para sempre, mas que nem por isso deixavam de se evaporar, de se transmutar em outras, sem que tivéssemos o direito de nota-lo ou a felicidade de dali tirar as consequências! Repetíamos que um gato é um gato, como vocês ainda fazem, ao que parece; ou, antes, digamos melhor, pensávamos que era o mesmo barco que partira e que regressava, a mesma pessoa aquela que voltava, segurando a criança pela mão, e aquela que havíamos deixado outrora: mas não, não é?, a criança cresce e o homem e a mulher mudam, ou então é o céu acima deles ou o mar que não têm mais aquelas mesmas cores que eles haviam amado. Nada permanece idêntico a si mesmo entre os seres, as coisas, por que então esperar isso das palavras? Acredite, elas apiedaram-se de nós. E longe de embaralhar a evidência ao começar por mudar de sentidos, elas no-la ofereceram mais clara, brilhando sob seus cursos contraditórios mais rápidos, transparentes pois, como uma única pedra muito próxima: a unidade de tudo o que é ... Falamos, é verdade, sobre nossas avenidas, sob as lanternas – e, veja, elas acendem-se, não é um belíssimo efeito? –; argumentamos e dialetizamos, parecemos mesmo nos apaixonar ou nos angustiar pelos problemas colocados pelas palavras, mas isso é, sobretudo, polidez: a cortesia sem segundo plano de moral que inventamos para manter junto a nós uma relação da qual, na verdade, graças às palavras que mudam, não temos mais necessidade. Um jogo, para ajudar na vida urbana, um simples jogo, meu amigo...”

Mas e os desabamentos, disse-me a mim mesmo, mas e as palavras que significavam a casa, aquela casa lá longe, com seu barranco, e a poupa diante de sua porta, ou um rebanho que se afasta, ou a luz da noite – e que evoca de uma só vez apenas um abismo, encrespado de grandes rochas fatais? Separei-me de meu companheiro, e é então ao acaso que vou, pelas avenidas e pelas praças. Tapeçarias, agitadas por um vento de não sei onde, essa cidade. Grupos que se fazem e se desfazem como se uma força, além da gravidade, mas quimérica e mutável, chamasse em todos os cruzamentos do fundo das ruas sem limites. E ainda agora resisto aos olhares que imploram um instante de conversa, furto-me mesmo àquelas vozes que, bem próximas a mim, interpelam, tão ternamente, é verdade, tão educadamente! Aqui, em uma esquina de avenida, sob uma árvore, um velho homem de joelhos, torso nu, mãos juntas, cabeça caída para trás, repete sem cessar, com uma voz rouca, uma palavra, uma só palavra, alhures será o nome de um deus. Lá, outro, mais jovem, faz um discurso, ele é fulgurante, esse, para pessoas que permanecem atentas por um momento, mas que, a uma palavra que os incomoda talvez, partem balançando a cabeça, e outros tomam seus lugares. O que ele lhes diz? Se bem compreendo,

que as mudanças de humor das palavras não são tão graves como se acreditara. Pois essa desordem tem suas leis; na verdade, ele conhece apenas uma, que ele, filósofo, compreendeu. Crê-se passar de uma significação a outra, a esses instantes de mutações semânticas, mas é ficar na mesma cor, pois o barco é azul, não? (ou vermelho) como a barreira no caminho, ou o poço ao final do prado, ou a abelha? Donde se segue que esse pretendo caos não é senão o envelope, bem fino, de uma revelação, majestosa: há apenas sete grandes coisas, meus amigos, como não existem senão sete cores. A menos que, claro, desejemos não sabê-lo, que nos obstinemos a compreender “azul” ou “verde” – e por quê? – em momentos em que seria preciso bem simplesmente perceber a afloração da veia vermelha.

Vou-me. Sem número, essas casas baixas, de madeira tênue pintada de tons claros, com esse pouco de folhagem acima das portas e essas lanternas que brilham na folhagem: mas as portas estão abertas, dão para aquilo que parecem ser peças negras e vazias, todos os que lá viviam estão então agora fora, errando nessa vaga noite da qual não se vê a outra margem? E como ele é lento para mudar, esse crepúsculo que freia as formas, mas que aviva algumas cores! Há, nesses tecidos, nessas poças d’água, nessas nuvens muitos sons ligeiros que são como rumores; há outros mais saturados e violentos, barcos que passam ao longe, que chamam a noite com sua trompa de bruma.

Vou-me. Parece-me que o universo não é senão uma esplanada infinita, onde nos encontramos em todas as direções, sem grande barulho, onde até mesmo acampamos: pois há famílias aqui e acolá, agachadas, e algumas se apertam ao redor de fogueiras, cuja fumaça sobe reto, misturando por vezes duas cores. Experimento então, novamente, a tentação de parar; olho as crianças que estão lá sentadas, sobre uma toalha listrada de negro, olhos fixos no ar que sobe, trêmulo. Crianças tristes, parece-me. Como se já soubessem que a noite jamais cessará de cair, entre as fogueiras sem calor. Admirável poder das palavras, no tempo em que nós as tínhamos, disse-me um amigo: fazer com que a fogueira queime. Que graças à palavra da fogueira não possamos mais aproximar da chama a palma das mãos estendidas.

Vou-me, vou-me. E a você que agora caminha ao meu lado sem nada dizer – há pouco você abordou-me bastante educadamente, mas sem perguntas – confio o pensamento que se forma em mim, vagamente, desde minha chegada nesse mundo. “A poesia, ouça o que digo, a poesia não é o que poderia impedir que suas palavras mudassem de sentido?”

E você sorriu. “Mas sim”, disse-me você, “sim, claro. Além disso, nós temos poetas, grandes poetas. Como eles fazem, eu não sei, e, aliás, eles fracassam, e quantas vezes, mesmo os mais experimentados ou os mais intensos. Começamos a lê-los, dito de outro modo, estamos em paz, silenciosos, e eis que uma palavra... Perceberam eles próprios o sofrimento? Seja como for, ele está bem aí, na luz da origem. Mas nossos mais belos poemas resistem, estou certo disso. E basta vir a eles – mas quem o faz? você bem viu que não pensamos nisso – para que o vento seja vento, plenamente, misteriosamente o vento, e assim permaneça: e que a palavra “vento” não signifique senão o vento. Teríamos então assim, no mínimo, mil coisas, fundamentais, reais; e mil palavras que seriam os pastores de milhares e de milhares outras”.

— As coisas, sim, estou tentado então a dizer a você. Mas e os seres? Mas e a mulher de que falamos, aquela que havia embarcado no barco em uma manhã de vento sobre o mar, e que regressa, hoje? Que ela seja outra, subitamente, que aquele que a espera compreenda isso, e, agora, que importa àquele que o vento nesse minuto seja o mesmo vento de sempre, que importa a ele que um mundo exista? Não há sempre bastante mudança nos seres, meu amigo, muitas negações, exaltação, metamorfoses nos seres para deixar a palavra inquieta? Se cessamos de poder amar, como mantê-la transparente?

Você não me responde muito claramente, dessa vez. Contenta-se em murmurar que a palavra que quer dizer poesia, em sua língua, é a mesma que significa a vontade, e o amor, e, aliás, também a morte, isto é, em suma, a vida. E isso não é mudar de sentido, você ainda diz. É apenas indicar a quem desejar bem compreender que essas noções ambíguas, incertas – e obscuras, se essa é a palavra – avizinham o mesmo objeto, no para além da linguagem.

## A DECISÃO DE SER PINTOR

Ele falava. Mas as palavras que empregava cavavam para si ondas embranquecidas de espumas, mas seus pensamentos se apegavam a um fulgor de vidraça na mais ínfima das coisas nomeadas. E pessoas que não conheciam para ele ao longe, faziam-lhe sinais, algumas chegavam mesmo a abordá-lo para felicita-lo ou lhe dizer sua simpatia, mas com palavras de vidro quebrado, palavras ininteligíveis tanto quanto seriam as suas. É como se acontecimentos tivessem ocorrido sem que ele soubesse, à noite; como se o sentido não estivesse em cada vocábulo senão como essa areia terra de Siena que, por montes saturados de água, atravessados por bolhas, corria por entre as sarjetas das ruas pobres, ao fim do dia, quando ele era apenas uma criança. E por isso mesmo ele não ousava responder, menos ainda interrogar. Ele balançava a cabeça, apressava o passo.

E, bruscamente, ao virar uma esquina, ele recebeu o nascer do sol nos olhos como um grande grito de envolvimento, de abrasamento, de fumaça, no inacabado da luz.

## A RESPEITO DE MIKLOS BOKOR

Aparências que se dividem como outeiros de terra, cores que surgem e brilham sob a relha.

Cores férteis, de todos esses sais que emergem em suas espumas, em irisações com as quais se ilumina e se simplifica nossa consciência do mundo.

O trigo que aqui vai se erguer será o pão de novas trocas, o que faz com que essa pintura seja, como toda grande obra, o futuro já entre nós: embora ainda não revelado, letra fechada.

Cores? Não, a experiência do mundo, do destino que a cor permitiu; e que ela acompanha muito longe, com todo seu florescimento de crisântemos ou de umbela, mas que ao final deixa sozinha se desabrochar.

De ano em ano, uma materialidade afina-se, dilui-se, uma transparência desdobra-se, a música dos olhos penetra ainda mais a aparência, a luz faz-se mais impalpavelmente essa poeira de noite de verão ou de noite de lua cheia que é como o pólen da aparência inspirada.

Não é a paixão pela cor, como se disse, que anima Miklos Bokor, é a paixão que nele se faz cor, sombras de cor, a fim de se clarificar, de se musicalizar, de se libertar de sua parte de angústia, de aumentar sua parte de alegria divina – de se transmutar em sabedoria.

Como se a cor fosse a um tempo o chumbo, os sais, os sulfuretos e, para terminar, o ouro transparente, o ouro leve.

Ele pintaria sem se cansar o mesmo galho de uma árvore e nisso ele seria feliz, podendo trazer assim à vida de todos os dias – esse nó de afeições e de frustrações – o infinito recolhido pela sangria da boca.

E as quatro estações não apenas se sucedem, elas unem-se à árvore, quando esta nelas toca. A flor tem reflexos de neve tanto quanto de dilatação de fruto maduro nessa memória fechada de noite e de vento de outono que sua pintura soube manter.

São esses quadros que nos trazem o bem da neve. O bem da chuva de verão. O bem do fogo que empurpura a lareira com seu leve ruído de abelha.

Um murmúrio de folhas mortas onde se desenha o azul de um filete de água clara.

Ele aprecia esse papel fino, em certos lugares tão fino que chega a ser dissipado, rasgado, porque é a mesma matéria-limite que outrora se chamava alma. Ele sabe que, rasgado, dissipado, é o ilacerável, é o absoluto.

Jamais ele se separa de uma lupa. Mas não é para aumentar o detalhe que torna a natureza monstruosa, é para escutar a respiração das pedras. Certa vez, ele deixou a lupa cair no rio, mergulhou a sua procura, e talvez tenha então podido perceber, no elo que lhe escapava, o barulho dos reflexos e dos destinos.

Obras numerosas de todos os verões de Bokor, obras sem número como sem número são as folhas das árvores, as flores dos campos; obras cuja produção mesma reconhece e exprime o infinito, aquele que está na vida e não no sonho, aquele que se desfaz, que volta a se ligar ao acaso de um fio da Virgem que passa próxima a um galho.

Imaginário tão consumido, obra tão liberta da linguagem, que nos surpreendemos dando às cores e aos traços que lá estão, sós, sobrevivendo a nosso mundo comum, palavras que salvariam algumas de suas lembranças, que em nós carregamos porque as amamos. Esse traço da terra negra de Judéia mistura-se nesse quadro à saliência de um vermelho de Egito.

Ele colocou a seu lado, uma vez por todas, algumas cerâmicas pintadas – poderíamos pensar – pela própria natureza. Essa natureza que tem musgos tão humildes sobre tantas pedras que não sabemos se já é uma vida ou, simplesmente, um toque de verde ocreado desejado entre os tons do azul-cobalto mais sombrios.

Esses quadros têm o odor dos galhos cortados, cuja seiva corre, a luz das fachadas que percebemos através das árvores, pela manhã. Eles são belos como o calor acima das árvores. Eles conhecem a vida e a morte, eles conhecem a violência, que desemaranham, que lavam como se desdobra um grande tecido pintado na água, que o inunda com sua luz.

Aquele que sabe reencontrar seus sentimentos mais tênues, mais fugitivos, na cor ou no grão das coisas da natureza, descobre rapidamente que esta nos propõe, em seus acordes de tons, de matéria, uma solução aos conflitos que esses sentimentos desencadeiam no isolamento, na solidão do espírito que a esqueceu. Ele compreende que a aparência sensível não é, em relação a nós, em nada uma indiferença, mas sim a fala que vai sem palavras e que por isso é ainda mais verídica.

Leila de Aguiar Costa

Pintar, como o faz Bokor: passar a linguagem pela joeira da água que mexe na água, do sol que nasce nas árvores. Apenas permanecem as palavras que ele não tem mais necessidade de pronunciar, tão transparente é sua evidência.

## **A PRESENÇA REAL**

Cavaleiros chegam apressados. E já de longe gritam que Deus é, que ele apareceu, que é a praia de..., onde o depósito do sal e das madeiras de escombros formou, um instante, por acaso, o signo – seria a palavra? suas vozes misturam-se – que faltava até aqui para todos os alfabetos, para todas as folhagens perfuradas de céu, para todas as nuvens, para todas as linhas de alga resplandecente de espuma.

## O ABUTRE

Perguntaram a ele o que precisamente fazia. Por que hesitava tão demoradamente naquela sala, pouco iluminada é verdade – mas com uma bela luz silenciosa, que vinha do claustro vizinho –, para colocar aquele nada de cor no olhar da Virgem, ou para decidir sobre o arqueado de seu ombro, ou para escolher sobre a parede o ponto preciso onde a mão da Criança pegaria o cacho de uva no cesto. E por que, a certo momento do trabalho, havia pintado nu aquele grande corpo, em seguida o havia vestido, ternamente, mas não sem numerosos retornos ao estudo de suas mais secretas formas: e isso, por exemplo, quando o sol atingia o afresco no outono, dissipando quase suas cores claras. Por que tantos anos haviam passado assim, arriscavam dizer para ele, tantos anos durante os quais havia, percebia-se bem, terminado de envelhecer, de tal maneira que seu próprio corpo, que mal era visto na galeria, havia se descolorido, ele também, e que sua mão tremia, não é? Quantos quadros haviam aparecido, antes deste de agora, quantos haviam demorado, quantos nos pareciam terminados, e tão belos – desfaziam-se em seguida no surgimento de algum outro! O que buscava ele? Quais eram sua expectativa, seu devaneio, seu rigor?

Ele hesitava também em responder, sorrindo. Talvez porque se tornara tímido, nessa espécie de solidão; talvez porque não tivesse percebido que o tempo passava, confundindo-o, ao menos durante o dia, com o tinido irregular e alegre da fonte do claustro. Mas, uma noite, ele respondeu. “Busco pintar, disse ele, sem que o abutre assumia forma”.

“E quantas vezes”, acrescentou ele, e agora sem sorrir, “quantas vezes estive ele lá, na imagem, a espicaçar esse cacho, a bater asas nesse vestido! Creio mesmo que o espantei, há pouco; e que logo irei terminar o quadro, isto é, morrer. A imagem é transparente, doravante. A uva não é senão uva, a mulher não é senão um olhar e um corpo, a criança sobre seus joelhos não é senão o universo, em sua evidência, nada mais”.

Calou-se, durante um demorado momento. Não ousávamos pôr fim a esse silêncio.

E, repentinamente: “Levantei-me, uma noite, há muito tempo, a lua brilhava, cheia, dardejando, apertados, seus raios através das pequenas colunas do claustro, em direção à parede onde estava, quase terminada, minha pintura.

Revi, naquela luz que é tão forte quanto a outra, o azul, o vermelho onde eu já havia colocado tanto do que acreditava ser minha paciência.

“O abutre estava lá, tranquilo. Os joelhos nus da Virgem, seus cabelos que caíam encaracolados sobre os ombros, sua coroa resplandecente de pedras, seu sorriso ao qual respondia em seus braços todo aquele belo rosto abrasado envolto de uvas e de pâmpanos, eram as asas e as garras, eram o pescoço e o bico estranho de um imenso abutre totalmente descolado da penumbra de uma árvore sobre a qual estava pousado, perto do cimo, olhando fixamente não sei que fora do mundo. Soltei um grito, de dor. Ele voou.

Mas durante todos os anos que se seguiram, meus amigos, não deixei de soltar esse grito; era o que vocês diziam ser meu silêncio”.

## A MORTE DO PINTOR DE ÍCONES

Os pintores daquele tempo sabiam que o brilho fala melhor do divino do que o faz a forma, que se perde no contorno das figuras, armadilha montada pela linguagem; e eles praticavam o ouro, que resplandece reto, e a intensidade das cores, onde parece sonhar o invisível. Mas dizia-se que aquele artista em particular, que trabalhou perto do final de um século, na última capela à esquerda, tivera outra ideia, e alcançou mais luz. Para seu ícone, pedaços de vidro foram acrescentados, mínimos, poeira ainda, à cor: eles poderiam refletir o céu. E em função da hora deste último, e de seu humor nos longínquos, nos cimos, na paz das noites ou no relâmpago, o absoluto nuançar-se-ia então sem se empobrecer, tornar-se-ia alegria ou terror entre as mãos da Virgem.

“O que impunha”, continuava o guia, preocupantes questões de teologia. A criança, o deus encarnado, não seria senão um espelho, e, simplesmente, da natureza? Para que o brilho do divino seja realmente, seja fortemente atestado por nossa humanidade que é ainda tão sombria, não é preciso que ele se erga do seio obscuro de nossas palavras, ou de nossas maneiras de pintar, o ser que não se afirma entre nós – é um paradoxo, mas a salvação depende disso – senão ao assumir a forma de um sonho? A luz não é um Deus senão se assim o decidimos. Ela é a tarefa do pintor e não a matéria de sua empreitada. Esse pintor aqui foi suspeito de heresia. Mas sua estratégia, que lhe assegurou uma pausa enquanto trabalhava no ícone e em alguns afrescos dos entornos, foi a de jamais terminar de triar, dentre os milhares pequenos pedaços de vidro que lhe traziam de todos os cantos – e alguns dentre os últimos entregues o seduziam ainda mais, ele os colocava no lugar de outros –, aqueles que se compunham pouco a pouco, por isso mesmo, lentamente, no espelho convexo, turvo, quase quebrado da Virgem, ou o nimbo estrelado dos santos, ou o escudo de um soldado, ou a folhagem de uma árvore sob a abóbada do céu noturno. O instante em que a luz teria de vir refletir-se, lá, substituindo-se à imagem, era sempre diferido, e com ele o escândalo. E por procurar assim sem concluir, por preferir um instante de sonho sobre a cor de uma boca de garrafa às especulações sobre a epifania, o artista que trabalhava aquela obra, que jogava com ela, um tanto como criança, um tanto como monge, não confessava ele também, e, mesmo, a seu modo, melhor que qualquer poeta, a fatalidade da Imagem, e que somente ela é passagem entre o divino e a terra? Não era ele exemplo de verdade mais do que insinuação do erro? Ao discutirem sobre isso, os doutores e os padres

cansavam-se, confundiam-se. E então deixavam o velho homem, dia após dia, a remexer nas caixas plenas de fragmentos de espelhos, de vidros, de bolas de gude irisadas de uma bolha ocre ou vermelha pega no abismo de um pouco de massa: lantejoulas que o sol de então apreciava ele mesmo vir ver, e recolher, e projetar em faíscas bastante estranhas sobre as paredes embranquecidas pela cal.

Entreí com curiosidade e respeito na capela hoje em ruínas. Falta uma parede, aquela da direita; vemos em seu lugar um caminho que parte do pavimento desmembrado sob uma desordem de mato elevado; e, mais adiante, há um pequeno jardim com um regador e um balde, depois algumas alfarrobeiras; além, todo um campo, que é sorridente mesmo que aqui o altar esteja arranhado de negro, como se o raio ali tivesse caído do lugar mais elevado do mundo, envolvendo com uma segunda túnica o grande corpo flexível – distinguimo-lo bem, na descamação de um afresco – dessa jovem mãe que não apresentava mais o Verdadeiro Deus. Mas um ícone está ainda ali, sobre uma mesa. Podemos pegá-lo, é bastante pequeno; podemos virá-lo para uma luz melhor, nele procurar onde estava o signo, onde estava o espelho, na cor, anteriormente descorada e entre as figuras, que é bastante esquemática. Acontece que o fogo também sobre lá se abateu, colocando a nu, em certos lugares, a madeira do painel, o debruado de veias da hulha. Que brilha, sob alguns ângulos fáceis de serem encontrados, nesse lugar que é doravante o aberto e o cercado, a fenda e a forma.

Olho esses belos cristais de carvão, e penso na cor como tal, nos espelhos, nas formas, nos ritmos também, na comovente sonoridade das palavras, em todos os nossos modos que são insuficientes e, em suma, contraditórios para, em nós, aceder ao que é mais do que nós. Como morreu, perguntei-me também, o pobre pintor que pensava que se pode deixar Deus – ou o céu de verão – colaborar em nossas obras? Que havia excitado o orgulho, essa era a suspeita dos outros, até desejar apagar-se diante desses raios que parecem, entretanto, procurar por nós, em nossa noite, à semelhança de alguém que caminha com uma lanterna? Teria sido ele igualmente consumido por esse fogo divino? Roubaram de seu sonho o rosto negro, os olhos fechados? Mas, Deus sabe por que, é ao que ele foi, à criança, que inicialmente e sobretudo dirijo-me em espírito, acreditando quase avista-lo, naquela idade que não se sabe ainda que vida nos será dada, quais afeições, nem o que quer o desejo. Que escolar ingênuo e aplicado deve ter sido ele? Que crente da palavra que lhe era dita, que amigo das imagens que lhe mostravam, que ferido, para sempre, da promessa que é a palavra, mas que a existência não cumpre! Gostaria de ter encontrado, adulto

que sou, essa criança, nesse país, seu país, onde viveram também todos os meus bisavós, aqueles dos quais não sei absolutamente nada, pastores ou colhedores de castanhas que se apagaram como sombras desse final de tarde no campo que nos envolve. Teríamos falado, teríamos saído falando da escola abandonada, no campo deserto; são cinco ou seis horas da tarde, e eu conto para eles esse jogo que iluminava minha infância, em nossa classe na cidade. Quando a hora já havia perdurado em demasia, havia sempre um menino para tirar de seu bolso um daqueles finos espelhos que, naquele tempo, estavam na moda, redondos ou ovais, com Greta Garbo impressa sobre o ferro esmaltado rosa ou verde-maçã da outra face. Ele captava o sol nessa pequena armadilha, fazia ali dançar o reflexo sobre os muros ou sobre o teto da sala, leve mancha aterrorizada que não deixava de saltar, de fugir pela janela, de voltar como um pássaro cego – até se deixar prender, trêmulo, nos cabelos da professora. E, então, aquela ilusão demorava-se durante todo um minuto sob o aguaceiro de nossos risos mal reprimidos; ela apagava-se em seguida, na cheia que subia por todos os lados, rio sem margens nem rugas, daquela luz de então, que ninguém jamais reviu sobre a terra.

## O ARTISTA DO ÚLTIMO DIA

### I.

O mundo ia acabar. Sim, o mal – pois que era um mal apesar de tantas esperanças – que havia começado com o primeiro ídolo grosseiramente esculpido na pedra, ou mesmo com o primeiro entalhe furtivo, sobre um tronco de árvore, ia concluir seu trabalho, subindo pelas veias da natureza até os metais mais ignorados, até as partículas mais furtivas. O mundo ia acabar, bruscamente, pois – parecia ter gritado uma voz –, em algumas semanas, em alguns dias, talvez em algumas horas, o conjunto das imagens produzidas pela humanidade teria ultrapassado em número aquele das criaturas vivas. Nesse segundo fatal, mais contornos vagos de bestas sobre as paredes das cavernas, mais Madonas em vestidos vermelhos na descamação de um afresco, mais paisagens, retratos, fotografias publicitárias – assim como negativos inutilizados em arquivos ou em destroços – do que formigas, abelhas, macacos, homens. Por isso, a ruptura do equilíbrio entre o parecer e a vida que Deus havia colocado sobre a balança era o espírito, no campo deserto das estrelas, lá onde um pastor, uma noite, educou-se na ideia do signo. A percepção é apenas natural; a lembrança, que se apaga, deixa rapidamente em todos os lugares percorridos, sobre todos os corpos, reformar-se – fechar-se – essa impenetrável superfície a que nomeamos evidência; mas a imagem, que acrescenta, que modifica, quanta novidade! no tempo que não havia sido até aquela aparição senão matéria – e também quão inquietante luminosidade nos debaixo das coisas! Deus, que havia apenas pensado em redobrar o Eterno, para nele se mirar (não teria sido aí a primeira falta?), Deus nem mesmo havia previsto aquele fogo que, é verdade, durante muito tempo custou a pegar, apenas um ínfimo barulho surdo no silêncio do Ser. O artista do primeiro dia havia acreditado que apenas sua obra seria admirada, não seus reflexos, não suas variantes rápidas. Não havia pressentido o sonho. E é porque não sabia que mesmo ele não era senão um sonho.

### II.

O mundo ia acabar. A vida, desmoronar-se sob o peso do sonho.

A menos que, dissera, entretanto, a voz – mas será mesmo que ela dissera? havia sido tão rápido, uma noite, no final de um campo, na orla de um

bosque, a terra estava naquele lugar como ainda no primeiro dia, e um pintor lá viera; mas o que havia ele visto ou ouvido?, o barulho havia se espalhado talvez a partir de um quadro, isto é, no interior de uma ainda representação, essa fonte logo esgotada –, a menos que uma imagem, e dessa vez bastaria apenas uma, não fosse, por alguma alquimia anterior ao segundo último, purificada, lavada de, como dizer – pois aqui a voz havia hesitado, como se assegurava, procurando uma palavra –, purificada, lavada de seu ser – de sua diferença – de imagem.

Lavada, como a pepita de ouro no riacho; libertada pelo artista, em seu próprio nascimento, em sua concepção da lama do devaneio, da atração por uma fumaça, por uma sombra na aparência; salva de todo trabalho do desejo sobre um aspecto arrancado da unicidade, da santidade da coisa. Que, subitamente, essa figura não mostre mais, não diga, nada sugira, não seja mais a rival ilícita do que é – *seja*, ela mesma e bem simplesmente, como as imagens jamais o foram, que se desdobram sem fim, dilaceram-se, renascem, no espaço da palavra, *seja* como a árvore ou a pedra são, na ignorância delas mesmas. Que o fogo consuma o fogo, dispersando grandes quantidades de cinzas, o passado que os ventos do apocalipse já movimentam: e nós renascermos, meus amigos, nós poderemos olhar, rindo, na luz da aurora.

Mas o que poderia ser isso, esse segundo nível da labareda? Um fato do acaso puro, ou o máximo da consciência? A fotografia de algumas árvores em um cimo, mas feitas por acidente, com um clique imprevisto, despercebido, do aparelho, e jamais revelada, logo jogada e perdida, realmente perdida, devolvida às dissoluções e às transmutações da matéria sob um desmoronamento de escombros – a umidade a desfazer os sais, o astro sem dimensões nem cor a nascer dentro da cor, dentro da forma? Ou, era uma tese em voga, a obra, que teria sido amadurecida no ateliê de um grande pintor pela reflexão tanto mais cerrada quanto mais urgente que a arte haveria de fazer em sua longa história que foi, por vezes, tão inebriante, e, segundo se chegou a acreditar, tão competente, tão evidentemente benéfica? Mas a que dirigiria ele sua busca, esse detentor da vida e da morte? Pensaria ele no músico que, por vezes, soube produzir formas que, no céu acima dos sons, parecem ser, sem nada significar, sem mais nada dizer, a espessa nuvem, bem simplesmente – a luz? Mas lá onde a glória dos sons separa-se da lembrança, do desejo, do futuro, o mais abstrato traçado faz signo. Está aí o pecado do olho? Nada além de duas linhas retas, no ângulo direito, e é a afloração de um rosto, coberto de sangue sob uma coroa de espinhos.

### III.

E ele, em seu sótão, ele que conhece seu dever, e a pressa que era necessária na prudência infinita, e a força de decisão de que ele teria repentinamente de dar mostras sobre a tela totalmente branca quando as doze badaladas fatídicas começariam a tocar – ele, o artista do último dia, ele refletia, de modo vão. Pincel, carvão resvalando o papel, nada mais. Seria preciso apagar toda luminosidade? Mas a mão, o punho, o próprio olho têm sua lâmpada, na memória. Seria preciso ligar a mão, duramente, à ponta de seus dedos ou quase, a uma massa de pedra para não mais desenhar senão com a dor e com o sangue? Ou se permitiria ele imitar, ainda uma vez, desta feita um rosto de criança, e em sua alegria, tão bem que isso poderia ser, por um instante de seus dedos, a luz dessa alegria, a irrepresentável luz que, como tal, tomando a mimese a partir de seu centro de sombra, substituindo seus grandes círculos de ondas pelos reflexos e agitações do imaginário, aparecerá, pura, no desenho redimido?

Ele buscava, e ele, aliás, sabia; e isso não fazia senão recrudescer suas inquietações, que a ele também era preciso, ao buscar, não mais saber o que buscava, esquecer a questão assim como a angústia: pois a angústia figura o que ela teme, e a reflexão é a memória. Ele buscava, ele esboçava um traço aquarelado sobre a grande folha brumosa; ele parava, sem saber se o perigo da terra havia aumentado, já, naquela dilatação de tinta negra; e durante esse tempo nuvens se formavam no céu, ele as via pela porta aberta, a formar no horizonte, sobre grandes cavaletes vermelhos, o signo precursor dessa hora misteriosa, quando cessaria, por causa do excesso de imagens, subitamente a consciência.



